



ACOLHER A GRAÇA DO PERDÃO

**EXORTAÇÃO PASTORAL DE
DOM VIRGÍLIO DO NASCIMENTO ANTUNES
SOBRE O SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO**

A PAZ NASCE DE CORAÇÕES RECONCILIADOS

Vivemos um tempo marcado por profundas divisões. Em muitas partes do mundo, a guerra continua a ferir povos inteiros, enquanto nas nossas sociedades crescem polarizações que separam famílias, comunidades e nações. As diferenças de opinião transformam-se facilmente em confrontos, o diálogo dá lugar à desconfiança e a cultura do encontro parece, por vezes, ceder perante a lógica do conflito. E nós próprios, pessoalmente, quantas vezes nos sentimos também divididos por dentro, fraturados, carecidos de um abraço reconciliador com a vida, com os outros, com Deus...

A Palavra de Deus recorda-nos que a verdadeira paz nasce de corações reconciliados. A apóstolo Paulo, na Segunda Carta aos Coríntios, deixa-nos uma forte exortação, que nasce da consciência da renovação pascal que a graça de Deus opera na vida de quem a acolhe: «Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo, confiou-nos o ministério da reconciliação. Em nome de Cristo, suplicamos-vos: reconciliai-vos com Deus.» (2 Cor 5, 18. 20). É no acolhimento da graça divina, que sempre nos liberta das amarras do mal e nos reintegra como filhos amados, que encontramos a força necessária para sermos no mundo alegres construtores de uma nova fraternidade.

Por isso, neste mundo que tantas vezes responde ao conflito com mais conflito, torna-se cada vez mais urgente redescobrir o valor da reconciliação — não como um ideal distante, mas como um caminho concreto para reconstruir relações feridas e restaurar a esperança. E a Igreja, fiel à missão recebida de Cristo, é chamada a ser sinal e instrumento de reconciliação e de paz. O Senhor, que nos confiou o ministério da reconciliação, convida-nos a superar as

barreiras da divisão e a dar lugar à escuta e ao perdão, fundamentais para a abertura ao diálogo, que gera encontro e consolida a paz.

Escrevo esta Exortação Pastoral no contexto deste tempo de Quaresma que a Igreja nos proporciona, acolhendo os numerosos apelos de Deus à reconciliação, contidos na Sagrada Escritura, e os sinais dos tempos, que clamam hoje por uma renovada cultura da “paz, desarmada e desarmante”, como recorda o Papa Leão XIV. A presente Exortação Pastoral tem como propósito convidar os fiéis e todas as pessoas de boa vontade a redescobrir a profundidade espiritual e eclesial do Sacramento da Penitência, que nos faz regressar à comunhão com Deus e com os irmãos.

Que o acolhimento da graça sacramental possa tornar-se fonte de renovação interior e impulso para reconstruir relações nas nossas famílias e comunidades. Só assim poderemos testemunhar, no meio das divisões do nosso tempo, que a misericórdia de Deus é atuante e eficaz, pois continua a abrir caminhos novos de esperança e de paz, recriando o mundo e os corações a partir da Páscoa de Jesus Salvador, nossa vida e reconciliação.

O AMOR MISERICORDIOSO DE DEUS

No exercício do seu ministério público, Jesus revelou à humanidade o coração misericordioso do Pai que O enviou, não para condenar o mundo, mas para o salvar. Ao anunciar o Evangelho, no encontro com os homens e mulheres seus irmãos, Jesus foi curando as doenças, expulsando os demónios e perdoando os pecados, sinal de que tinha chegado o Reino de Deus. Em toda a sua ação revelou que há mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento. No seu mistério pascal, Cristo reconciliou com

Deus toda a humanidade e instituiu o Sacramento da Penitência, dando à Igreja, de modo especial aos apóstolos e aos seus sucessores, o poder de perdoar os pecados.

A Igreja, enviada por Cristo, com a força do Espírito Santo, nunca mais deixou de chamar ao arrependimento e à conversão aqueles que, pela sua fragilidade, após o batismo, caíram no pecado, reconciliando-os com Deus.

O PERDÃO DE DEUS NA LITURGIA DA IGREJA

A forma como o perdão de Deus foi sendo celebrado e experimentado dentro da Igreja adquiriu diferentes expressões ao longo dos séculos: da penitência pública, passando pela penitência tarifada, até à confissão auricular. Nas suas diferentes modalidades, a consciência do pecado, o arrependimento, o desejo de conversão, a confissão dos pecados e a mediação da Igreja, foram realidades constantes do Sacramento da Reconciliação.

A consciência de que o pecado pessoal de um só membro da comunidade tinha implicações na vida da Igreja como um todo, traduziu-se na necessidade da mediação sacerdotal para a reconciliação dos penitentes, fosse diretamente pela presença episcopal, como aconteceu nos primórdios da Igreja, fosse pela presença de um seu delegado, o presbítero, a partir da Idade Média.

A realidade atual, fruto da multissecular sabedoria da Igreja e da sua disciplina sacramental, continua a propor aos fiéis a experiência da celebração do amor misericordioso de Deus que nunca desiste da sua criatura, esperando, dia após dia, o regresso de cada um dos seus filhos para os poder abraçar.

O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA NA ATUALIDADE

O Ritual da Penitência, reformado após o Concílio Vaticano II, de acordo com os princípios da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, é um instrumento muito útil para a pastoral da misericórdia que todos somos chamados a viver, quer como pastores, quer como fiéis leigos. O conhecimento do Ritual permite descobrir a grandeza do amor misericordioso de Deus, a beleza do sacramento pelo qual somos absolvidos do nosso pecado e a riqueza da liturgia da Igreja, pela qual somos mergulhados no mistério pascal de Cristo.

O Ritual atual, na Tradição da Igreja, quer realçar a centralidade da pessoa, apresentando o sacramento da penitência, não só como perdão dos pecados graves, mas também como caminho de crescimento espiritual e de santidade, como configuração da vida dos fiéis com Cristo e como meio para viver cada vez melhor a graça do batismo.

A reforma do Ritual teve em conta a dimensão celebrativa da liturgia, a participação ativa dos fiéis e a importância da Palavra de Deus, que deve ser anunciada àquele que se aproxima do perdão de Deus; a fórmula sacramental foi ampliada com uma anamnese trinitária e eclesial, evidenciando o perdão como ação de Deus Trindade, dentro da comunidade cristã; houve também a preocupação de realçar essa dimensão eclesial, propondo orientações específicas para as celebrações comunitárias do Sacramento. Esse perdão amoroso de Deus pode e deve celebrar-se em qualquer tempo ou dia, mas o tempo da Quaresma, dado o seu carácter penitencial, é o mais apropriado para celebrar o sacramento (Cf. *Ritual da Penitência*, 13).

AS VÁRIAS FORMAS DA CELEBRAÇÃO DO SACRAMENTO

O atual Ritual da Penitência, aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em 1996, apresenta diversas formas de celebrar o sacramento: a celebração da reconciliação de um só penitente; a celebração da reconciliação de vários penitentes com confissão e absolvição individual; e a celebração da reconciliação de vários penitentes com confissão e absolvição geral.

A *primeira forma* prevista no Ritual, deve, tanto quanto possível, manifestar o acolhimento do penitente, pôr em evidência a importância da Palavra de Deus, a confissão dos pecados, a aceitação da penitência, a absolvição com a fórmula ritual, e a ação de graças pelo dom do perdão. Seria útil, tanto quanto possível, valorizar na celebração individual do sacramento da penitência, cada um destes passos, para que a mesma não se reduza à dimensão do pecado, mas se abra à graça de Deus, que gera no coração do penitente o louvor e a gratidão pela vida nova recebida.

A *segunda forma* prevista, o acolhimento da misericórdia de Deus no contexto de uma celebração penitencial comunitária, põe em evidência o seu carácter eclesial e realça a dimensão litúrgica da penitência. Neste caso, o sacramento realiza-se numa celebração da Palavra, pela qual o Senhor, rico de amor e misericórdia, convida à mudança de vida.

Nesta segunda versão, todos os momentos são comunitários, exceto o momento sacramental, que deve manter o seu carácter pessoal, havendo um espaço para a confissão individual dos pecados e para a absolvição de cada penitente.

Neste caso, o rito prevê, após a homilia, um tempo de exame de consciência, a proclamação de uma fórmula comunitária de

confissão, uma litania (oração universal ou cântico) que evidencie a contrição de todos os presentes e a oração do Pai-Nosso, que nunca se deve omitir.

Após o Pai-Nosso, quem desejar aproxima-se de um sacerdote para confessar os pecados, rezar o ato de contrição, acolher a penitência e receber a absolvição sacramental. Para que este momento não seja demasiado longo e não se perca a dimensão comunitária, é útil que se organize uma procissão de penitentes. Cada penitente, de pé junto do sacerdote, confessa os seus pecados com clareza e objetividade, diz o ato de contrição, acolhe a penitência, ajoelha-se e recebe a absolvição do sacerdote. Evite-se neste momento tudo o que se assemelhe a direção espiritual que deve acontecer noutra ocasião. Após a absolvição de cada um dos penitentes, todos juntos, terminam a celebração proclamando as maravilhas do Senhor.

A *terceira forma* do Sacramento da Penitência, absolvição simultânea a vários penitentes sem confissão individual prévia, “não pode dar-se de modo geral, a não ser que: esteja iminente o perigo de morte, e não haja tempo para um ou mais sacerdotes poderem ouvir a confissão de cada um dos penitentes; haja necessidade grave, isto é, quando, dado o número de penitentes, não houver sacerdotes suficientes para, dentro de tempo razoável, ouvirem devidamente as confissões de cada um, de tal modo que os penitentes, sem culpa própria, fossem obrigados a permanecer durante muito tempo privados da graça sacramental e da sagrada comunhão. Não se considera existir necessidade suficiente quando não possam estar presentes confessores bastantes somente por motivo de grande afluência de penitentes” (Cf. *Ritual da Penitência*, 31).

Esta terceira possibilidade está sujeita sempre à autorização do Bispo Diocesano, de acordo com as normas fixadas em conformidade com a Conferência Episcopal.

ACOLHER O PERDÃO DE DEUS

Num mundo ferido e dilacerado por divisões e discórdias, a Igreja é chamada a ser lugar de esperança e presença de Deus, que nos cura, cuida de cada um de nós e derrama abundantemente a sua misericórdia.

Convido, por isso, todos os que exercem qualquer ação pastoral e catequética a formarem as comunidades, desde a infância, para a beleza do perdão misericordioso de Deus, para a celebração regular do Sacramento da Reconciliação e para a necessidade de o integrar no caminho da santidade, iniciado no batismo.

Exorto, de modo especial, os sacerdotes da nossa Diocese a disponibilizarem tempo para a celebração da penitência, com horários adequados, em que os fiéis saibam que alguém está disponível para os escutar e ser instrumento do perdão de Deus.

Por fim, convido todos os fiéis da nossa Diocese a celebrarem com regularidade o Sacramento da Reconciliação, reconhecendo que, através deste sinal da graça, Deus reconstrói em nós a vida divina que recebemos no batismo e que o pecado vai obscurecendo.

Que todos nós, pela liturgia da penitência, sintamos o amor de Deus Pai, que sempre nos espera e que, no nosso regresso, nos abraça, nos restitui a dignidade de filhos e faz festa por termos voltado sãos e salvos.

Coimbra, 19 de março de 2026

+ Virgílio do Nascimento Antunes, Bispo de Coimbra